

# Homo Narcissicus

Sidnei Vilmar Noé\*

## Sinopse

---

No contexto da literatura analítica, o mito de Édipo adquire destaque especial. Isso se deve à importância da hermenêutica freudiana dos efeitos da cultura vitoriana sobre o psiquismo das pessoas. Este artigo propõe-se a fazer uma releitura das manifestações psíquicas das pessoas, postulando a hipótese da ocorrência de uma outra *estrutura psicológica*, caracterizada como *narcisista*. O artigo arrola as condições sob as quais ocorreu esta transformação, seus sintomas e formas de tratamento.

---

**Palavras-chave:** Psicanálise; Freud; Narcisismo; Psicologia; Mito; Teologia

---

## Abstract

---

In the context of psychoanalytical literature, the myth of Oedipus occupies a prominent place. This is due to the importance of the Freudian hermeneutics as applied to the effects of Victorian culture on people's psychic life. This article proposes a fresh reading of human psychic manifestations while postulating the hypothesis that yet another *psychological structure* obtains in the whole process; a structure which is characterized as *narcissistic*. The article surveys the conditions under which this transformation took place. At the same time, it discusses its symptoms and ways of treatment.

---

**Key-words:** Psychoanalysis; Freud; Narcissism; Psychology; Myth; Theology

---

---

\* Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, Bielefeld, Alemanha; professor de Psicologia Pastoral e pesquisador na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS.

## 1 Introdução

Os mitos gregos são tão prechos de sentido que em diferentes épocas e lugares têm servido como paráfrases simbólicas da realidade. Enquanto metáfora para descrever um estado psíquico, recorreu-se já ao final do século XIX (Havelock Ellis, 1898 e Paul Näcke, 1899) ao mito de Narciso. Desde Freud, em sua obra de 1914, *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*,<sup>1</sup> o conceito *Narzißmus* integra o vocabulário analítico, enquanto hipótese para explicar as formas de retenção da *libido*, próprias a todo o ser humano, no contexto de sua autopreservação. Tem-se assim, ao contrário do que poderia supor o senso comum, originariamente, uma compreensão do conceito que supera a estrita noção de uma patologia ou perversão, em direção a um entendimento que relaciona o narcisismo à formação e ao desenvolvimento psíquico humano como tal.<sup>2</sup>

Ao final do século XX, o conceito reacende as discussões com o clássico trabalho de Heinz Kohut em torno dos distúrbios narcisistas da personalidade.<sup>3</sup> E, especialmente importante, tornou-se o estudo de Christopher Lasch,<sup>4</sup> que estende a compreensão do conceito ao nível de um distúrbio cultural e social do qual a própria civilização ocidental teria se tornado refém, a partir da análise e da crítica cultural ao desenvolvimento da sociedade norte-americana na segunda metade do século XX.

---

1 Título original: Sigmund FREUD, *Zur Einführung des Narzissmus*, 1914. Todas as obras de FREUD, em língua portuguesa, citadas neste trabalho, foram extraídas da edição em CD-ROM das Obras Completas; cf. Sigmund FREUD [1856-1939], *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos citados, cf. as Referências Bibliográficas no final do artigo.]

2 "O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificadamente ser atribuído a toda criatura viva". FREUD, *Sobre o narcisismo: uma introdução*.

3 Heinz KOHUT, *The Analysis of the Self: A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders*.

4 Christopher LASCH, *The Culture of Narcissism*.

## 2 Narciso: O Ser Humano Refém de Si Mesmo

Estudar Narciso é estudar o ser humano!<sup>5</sup> Por paradoxal que possa parecer, o aforismo socrático do *gnôti seautón* é elevado ao absurdo na autodescoberta de Narciso: Conforme prenunciara o vidente Tirésias, quando consultado sobre a longevidade do infante, este respondera, que “o menino veria os longos anos de madura velhice”, sob a condição de “não se conhecer”.<sup>6</sup> De fato, o que em outras circunstâncias seria uma dádiva transforma-se em maldição e tragédia neste mito grego.

Narra Ovídio, em suas *Metamorfoses*, que a cerúlea Liríope teria dado à luz um menino, ao qual deu o nome de Narciso. Desde cedo este atraía sobre si olhares extasiados:

Era menino ou adolescente? Parecia ambos. Cobiçado foi por jovens. Muitos. Muitas. Entretanto, dura florescia a soberba na delicada forma. Ninguém o tocou: nem moços, nem moças.<sup>7</sup>

Também a ninfa Eco é cegada pela mais intensa chama. Sua trágica história conta que, por obra de Juno, em punição a sua falta de contenção verbal, foi condenada a repetir os sons finais das palavras ouvidas. Inflamada de desejo pelo belo Narciso, não conseguia expressar-lhe seus sentimentos:

Quantas vezes desejou abordá-lo com palavras ternas e dirigir-lhe brandas preces! A índole dela o reprime, nem consente que se exprima. Consente, contudo, isso: Eco aguarde sons, palavras que devolva.<sup>8</sup>

Certo dia, viu uma oportunidade de lançar-se aos braços do amado. Desconfiado que alguém o estivesse seguindo,

---

5 Ou, como apropriadamente comenta Donaldo SCHÜLER: “Queremos acompanhar a história de Narciso na história ocidental. Será um modo de refletir sobre nós mesmos. Apanhada a estrutura de Narciso, descobrimos situações narcísicas, mesmo quando não se menciona o seu nome. Na verdade, sempre que falamos do homem [i. e. do ser humano - N. do A.], falamos de Narciso.” Cf. Donaldo SCHÜLER, *Narciso errante*, p. 14.

6 Cf. SCHÜLER, *Narciso errante*, p. 16.

7 Ibid., p. 16-17.

8 Ibid., p. 18.

Narciso chama “- Alguém está?” e Eco retumba “- Está”, ao que Narciso retruca: “- Vem, encontremo-nos”. Ao vir correndo da selva para lançar os braços em torno do desejado, este lhe dá as costas e foge sem sequer um amplexo.

Desprezada, some na selva, esconde nas ramagens o rosto, envergonhada, e, desde então, vive em antros solitários.  
Vive, contudo, o amor e cresce com a dor da repulsa; vigilantes, os cuidados extenuam o corpo deplorável.<sup>9</sup>

Assim como os(as) demais amantes desdenhados(as), sob o efeito da decepção, Eco é possuída pela dor. Alguém dentre as ninfas se compadece de seus gemidos, levanta suas mãos ao céu e clama: “- Que ele mesmo ame assim, e assim recuse o amado!” E o seu clamor foi ouvido por Ramnúsia. Quando Narciso se debruça sobre as águas cristalinas de uma fonte, para “apaciar a sede, outra sede despertou”:

Bebendo, prende-o a imagem da formosura vista, ama esperança sem corpo, reputa corpo o que é sombra. Extasiado face a si mesmo, imóvel, ao mesmo vulto preso, como se fora estátua talhada em mármore pário.  
Contempla, estendido no solo, astros gêmeos, os seus olhos, seus cabelos, dignos de Baco, dignos de Apolo, as faces imberbes, o pescoço ebúrneo, o encanto da boca, a nívea brancura tingida de rubro. Admira os admiráveis todos, que o tornam admirável. Ignorante, deseja-se e, aprovando, aprova-se a si mesmo.  
Ele, desejante e desejado, acende e arde. Quantos beijos nulos depôs na face da fonte falaz! Quantas vezes buscaram os braços, imersos na água, o pescoço apetecido, que se evade.  
Ignora o que vê, mas o que vê o inflama. O mesmo erro os olhos ilude e excita. Por que persegues, crédulo, frustrado, simulacros fugidios? O que queres não há. Do que amas, retira-te e o terás perdido. Esta sombra que assombra é tua imagem refletida.<sup>10</sup>

São os olhos que destróem o belo jovem. Ao aproximar-se da água, estes lhe provocam a ilusão de ver o amado se aproximando. Tudo que se opõe enfim ao encontro dos amantes é uma “agüinha”. Então Narciso compreende:

---

<sup>9</sup> SCHÜLER, *Narciso errante*, p.18

<sup>10</sup> *Ibid*, p. 19-20.

Esse sou eu! Entendi. Não me ilude minha imagem. Ardo de amor por mim. As chamas, eu as provoço e sofro. Que fazer? Rogar ou ser rogado? Rogar o que ainda? O que desejo está comigo. Minha riqueza me fez indigente.<sup>11</sup>

Tragicamente, a sede por si mesmo é morta. Choram as náiades, as dríades, e Eco redobra seu pranto. Não há féretro, pois “em lugar do corpo, encontram uma flor, cor de ouro, cingida de folhas alvas”.<sup>12</sup>

### 3 Narcisismo: O Mal-Estar da Civilização Global

No contexto da literatura analítica, a discussão foi preferencialmente concentrada em torno de um outro mito grego, o de Édipo. Uma das razões preponderantes na opção por esta metáfora seria a hermenêutica freudiana de sua época e lugar, a partir dos distúrbios psíquico-emocionais trazidos pelos seus pacientes. O eixo desta hermenêutica estaria relacionado à compreensão dos efeitos da cultura vitoriana sobre as pessoas no sentido de tolhê-las na vivência de sua sexualidade.<sup>13</sup>

Conquanto se deva observar que este esteio cultural e social, bem como seu reverso psicológico, não permaneça circunscrito à época e ao lugar da análise freudiana - muito pelo contrário, deve-se admitir uma espécie de recrudescimento desta sintomática enquanto resposta às inseguranças do mundo hodierno -, é necessário fazer uma releitura das

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 22.

<sup>12</sup> Ibid., p. 24.

<sup>13</sup> Assim, p. ex., comenta Alexander LOWEN: “Foi através de seu trabalho com pacientes histéricos que Sigmund Freud começou a desenvolver a psicanálise e suas teorias acerca da neurose. Entretanto, é importante não esquecer o contexto da sociedade em que suas observações foram feitas. De um modo geral, a cultura vitoriana caracterizava-se por uma rígida estrutura de classe. A moralidade sexual e o excessivo recato sexual eram os padrões reconhecidos, sendo a austeridade, a compostura e a submissão, as atitudes aceitas. As maneiras de falar e de vestir eram cuidadosamente controladas e vigiadas, sobretudo na sociedade burguesa: as mulheres usavam espartilhos bem apertados e os homens, colarinhos duros. O respeito pela autoridade era a ordem estabelecida. O efeito disso tudo era fazer com que muitas pessoas desenvolvessem um superego severo e rígido, o qual limitava a expressão sexual e criava culpa e ansiedade intensas a respeito do sentimento sexual.” (Cf. Alexander LOWEN, *Narcisismo*, p. 20.)

manifestações psíquicas das pessoas. Isto porque o eixo hermenêutico de interpretação do espírito da época (*Zeitgeist*) demanda uma constante atualização, sendo necessário atentar às transformações sociais, culturais, políticas e econômicas para reconhecer seu intercâmbio com a psique das pessoas.

Atentando-se aos processos de difusão do *american way of life*, sobretudo no mundo ocidental, postula-se a hipótese de que, subjacente às mudanças de toda sorte implicadas, ocorra a *globalização* de uma *estrutura psicológica*<sup>14</sup> caracterizada como *narcisista*. A observação dos conflitos trazidos pelas pessoas aos mais diversos conselheiros pastorais e psicológicos parece confirmar alguns traços típicos desta *estrutura*: o vazio interior, os olhos vazios, a negação do sentimento, a oscilação entre fantasias de onipotência e sensações de impotência absoluta, a incapacidade de amar, o medo do fracasso, a sede e a idolatria do poder, a perda da noção histórica, os acessos de cólera incomensurável, o sentimento de ser alguém especial e, não por último, a crise de sentido. Klaus Winkler descreve o sofrimento da personalidade narcisista no contexto das seguintes tensões antinômicas:

Assim perduram, por exemplo, sentimentos de uma superioridade ilimitada em todas as situações da vida possíveis, ao lado de sentimentos de vazio absoluto, insignificância ou resignação total; Sentimentos de genialidade (não reconhecida) e de ter dons especiais ao lado de sentimentos de completa incompetência e

---

14 Adotamos aqui o conceito de "estrutura psicológica" por expressar o nível mais profundo de organização psíquica: "Em outras palavras: a estrutura fará sempre referência à lei, àquilo em torno do qual algo se organiza. Por exemplo, a estrutura narcísica e a estrutura edípica têm leis próprias. A lei de Narciso é uma lei de fusão, de união. A lei de Édipo é a lei da interdição, da separação. Em torno da lei de união/fusão se organiza a estrutura narcísica, e em torno da lei da interdição, a estrutura edípica." (Enaide BEZERRA BARROS, *Eu Narciso, outro Édipo*, p. 15.) Freud, por sua vez, se refere reiteradamente ao narcisismo, enquanto "tipo" psicológico. Em seu escrito *Sobre os Tipos Libidinais*, de 1931, distingue basicamente três "tipos" e suas respectivas formas mistas: "tipo erótico, tipo narcísico e tipo obsessivo". Já quanto à escolha do objeto amoroso, Freud distingue entre o tipo anaclítico e o tipo narcísista: "Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcísista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar." (FREUD, *Sobre o narcisismo*: uma introdução.)

inutilidade; sentimentos de poder sobre Deus e sobre o mundo ao lado de sentimentos de cólera impotente e desespero infundado. Repentinamente pode ocorrer a mudança de um extremo ao outro.<sup>15</sup>

## 4 A Gênese de Narciso

Freud sustenta que o narcisismo seja um processo pelo qual todas as pessoas passam nos seus primeiros anos de vida. Por isso fala, neste contexto, da hipótese da ocorrência de um *narcisismo primário* ou *normal*. Segundo esta noção, a criança recém-nascida mantém uma relação *simbiótica* com sua mãe. Ela se compreende como parte de um todo maior, onipotente, capaz de satisfazer todas as suas necessidades. Freud ilustra este processo como o surgimento de um “sentimento oceânico”, que, por sua vez, seria a matriz para a posterior busca pela religião.<sup>16</sup> À medida que a criança vai se desenvolvendo, ela vai sendo confrontada com a realidade de que a pessoa de referência nem sempre está disponível para satisfazer suas necessidades.

A frustração deste narcisismo primário torna-se assim a base para que a criança faça a distinção entre o mundo exterior e interior. As frustrações em relação ao mundo exterior são compensadas, em conseqüência, com a formação de uma *imagem* interior, grandiosa o suficiente para compensar a *ferida* aberta com a perda do objeto amado. Um desenvolvimento *saudável*, por outro lado, implicaria aprender a pendular entre

---

15 Cf. Klaus WINKLER, *Seelsorge*, p. 286. Kohut, por sua vez, condensa as manifestações narcisistas em quatro sintomas: “(1) na área sexual: fantasias perversas, falta de interesse sexual; (2) na área social: inibições no trabalho, incapacidade para começar e preservar relações significativas, comportamento delinqüente; (3) nos traços manifestos do caráter: falta de humor, falta de empatia em relação as necessidades e sentimentos de outras pessoas, falta de noção das proporções adequadas, tendência a explosões descontroladas de cólera, pseudologia; e (4) na área psicossomática: estreitamento hipocondríaco sobre a saúde física e psíquica, disfunções vegetativas em diversos sistemas do organismo.” Cf. KOHUT, *Narzißmus*, p. 41. (N. do A.: Todas as traduções de textos originais utilizadas são de autoria própria.)

16 “Posso imaginar que o sentimento oceânico se tenha vinculado à religião posteriormente. A ‘unidade com o universo’, que constituí seu conteúdo ideacional, soa como uma primeira tentativa de consolação religiosa, como se configurasse uma outra maneira de rejeitar o perigo que o ego reconhece a ameaçá-lo a partir do mundo externo.” Cf. FREUD, *O mal-estar da civilização*.

o mundo exterior e o mundo interior, entre buscar satisfação fora de si e dentro de si, entre “espraiair” ou reter a *libido*.

Ocorre que este desenvolvimento equilibrado é comprometido, à medida que as tentativas de busca por satisfação na relação com as pessoas de referência, principalmente os pais, são reiteradamente frustradas. Isso pode ocorrer em decorrência da ausência destas pessoas. Pode também acontecer quando as tentativas de aproximação às pessoas importantes são rechaçadas com desdém, rejeição ou até com atitudes que levam à humilhação.

Para compensar esta ausência de uma resposta adequada às tentativas de aproximação, a criança desenvolveria uma *imagem interior grandiosa*, capaz de satisfazê-la em suas necessidades de afeto e que a salvaguardasse em seu desamparo. O desenvolvimento patológico, neste sentido, significaria que esta *imagem interior* viesse a substituir a realidade exterior propriamente dita, restringindo o interesse da pessoa e sua busca por satisfação sobre ela mesma. Para sustentar esta *imagem grandiosa* “contra” um mundo “hostil” é necessário acoplá-la a uma *imagem* que é a representação da onipotência em si. Assim, através da simbiose com deus, é recomposta a simbiose original e é possível viver, de modo a imunizar a pessoa dos abalos na relação com o mundo exterior para que a ferida narcisista não seja reaberta. O preço é a megalomania e o desvio do interesse ou a alienação em relação ao mundo externo (de pessoas e coisas).

Por outro lado, admite-se também a ocorrência de um *narcisismo secundário*. Esta ampliação do conceito se tornou impositiva a partir da noção do desenvolvimento psíquico compreendida por Freud:

Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em conseqüência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.<sup>17</sup>

---

17 FREUD, *Sobre o narcisismo*: uma introdução.



Há autores, por outro lado, que sustentam apenas a ocorrência do *narcisismo secundário*. O ponto fundamental de divergência concentra-se na compreensão antropológica do ser humano recém-nascido. Enquanto Freud se refere reiteradamente à criança pequena como “sua majestade, o bebê”, portanto, já desde sua idade mais tenra maculada com fantasias de onipotência, estes outros entendem que a criança pequena seria totalmente dependente e indefesa em relação aos pais e o narcisismo (secundário) ocorreria em função do tipo de relação que estes pais estabelecem com seus filhos.<sup>18</sup>

## 5 O Homo Narcissicus Global

Perguntamo-nos agora sob quais condições teria se efetuado esta transformação de uma estrutura psíquica predominantemente edípica para uma estrutura narcisista, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Sem dúvida, o triunfo do narcisismo é correlato à difusão de um novo mito cultural, social, político e econômico: a fantasia de que cada um é especial e que pode realizar o que quer, desde que seja persistente na busca de concretização de seus objetivos. Ou, como sintetiza Lowen:

“Posso qualquer coisa” (onipotência); (2) “Sou visível em toda parte” (onipresença); (3) “Eu sei tudo” (onisciência), e (4) “Existo para ser adorado”. Estes são, é claro, os atributos de um deus.<sup>19</sup>

Estes “atributos de um deus” vão sendo transferidos para a criança pelos pais, na sua tentativa de dar vazão ao seu próprio narcisismo, tolhido sob as condições severas de sua infância, no sentido de assegurar à “sua majestade, o bebê”, tudo aquilo do qual eles próprios foram privados.<sup>20</sup> A socie-

---

18 Assim, p. ex. LOWEN: “Os bebês são totalmente dependentes e só podem chamar por auxílio através do choro. As crianças também são realmente impotentes. De fato, os pais é que são onipotentes em relação a seus filhos, pois detêm literalmente o poder de vida e de morte sobre eles.” (Cf. LOWEN, *Narcisismo*, p. 24.)

19 *Ibid.*, p. 111.

20 “A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades

dade de consumo e sua propaganda, por sua vez, continuam alimentando este mito durante toda a vida, à medida que oferecem os atavios necessários para cada qual ornar sua imagem grandiosa com o melhor e o mais exuberante. Acontece que há um senão para poder ocupar este lugar de direito, como sendo alguém especial. É preciso ser bem-sucedido! Já na escola é necessário ser o melhor; na profissão precisa-se galgar as posições mais destacadas; na família é fundamental ser inabalável. Os narcisos de hoje, de ambos os sexos, são rondados, por assim dizer, por uma sombra assustadora - o temor do fracasso!

Esse mito torna-se assim a mola propulsora de uma estrutura narcisista que é maquiavelicamente pressionada a dar o máximo de si, sem encontrar o alívio necessário. Pois ao desistir ou resignar, a pessoa é punida por sentimentos de insignificância e dependência insuportáveis e, por outro lado, ao se esforçar para atingir a realização de sua imagem grandiosa, perceberá que esta é inatingível, porque é ideal e não real. Em outras palavras, seu limite é o céu. Estabelecem-se aí os sentimentos de depressão e de vazio existencial, de perda da identidade, de ansiedade e de insatisfação em relação ao mundo exterior e de acúmulo de uma cólera vulcânica interior.<sup>21</sup>

---

que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”. (FREUD, *Sobre o narcisismo: uma introdução.*)

21 Aliás, isso seria uma razão que explicaria a repentina transformação de pacatos cidadãos em assassinos, quando, sem causa aparente, p. ex., invadem um shopping e atentam aleatoriamente contra a vida das pessoas: “As pessoas do tipo narcísico que se expõem a uma frustração do mundo externo, embora sob outros aspectos independentes, estão particularmente dispostas à psicose, e também apresentam precondições essenciais para a criminalidade”. (FREUD, *Tipos libidinais.*)

## 6 O Sofrimento de Narciso

A “maldição” que pesa sobre as pessoas de estrutura narcisista as condena a confinar seu mundo numa sala de espelhos. Elas são impelidas a relacionar-se com o mundo exterior, com outras pessoas, a ter uma profissão, a constituírem família, enfim a terem uma vida como outra pessoa qualquer, se bem que com laços relativamente instáveis. Sua dificuldade, no entanto, reside em sua incapacidade de *ver no outro um outro*. Elas precisam do outro, enquanto espelho e, portanto, confirmação da sua própria imagem grandiosa interior. Oscar Wilde, em seu livro, “O Alquimista”, ilustra de forma graciosa este cativo da pessoa de estrutura psicológica narcisista:

Quando Narciso morreu, vieram as ereiades, deusas dos bosques, e viram o lago de água doce transformado em um cântaro de águas salgadas. – Por que choras? – perguntaram as ereiades. – Choro por Narciso. – respondeu o lago. – Não nos espanta que chores por Narciso. Afinal de contas, enquanto todas nós corrimos atrás dele pelos bosques, tu eras o único que podias contemplar sua beleza de perto. – Narciso era belo? – perguntou o lago. – Quem melhor que você poderia saber disso? Afinal, era em suas margens que ele se debruçava para contemplar-se. O lago ficou quieto um tempo, depois disse: – Choro por Narciso, mas jamais notei que Narciso era belo. Eu choro por Narciso, porque quando ele deitava sobre minhas margens, eu podia ver, no fundo de seus olhos, a minha própria beleza refletida.<sup>22</sup>

De fato o *Homo Narcissicus* vive das luzes da ribalta. Sem ter à sua volta um círculo de admiradores(as) para confirmar e reforçar sua imagem interior grandiosa, ou sem ter a possibilidade de acercar-se de outras “estrelas”, para reviver através delas a simbiose primeva, envolvendo-as com um “oceano” de grandiosidade, ele é incapaz de viver. Em última análise, ele está confinado no cativo da busca nas relações com o outro para a confirmação de sua auto-imagem, estabelecendo assim, uma relação “utilitarista” com as outras pessoas e consigo mesmo. Sua vida é alicerçada sobre uma ilusão.

---

22 Oscar WILDE, apud Enaide BEZERRA BARROS, *Eu Narciso, outro Édipo*, p. 11.

Neste sentido a pessoa narcisista sofre, porque ela é incapaz de amar. Ou, como descreve Lowen, “a tragédia dos narcisistas é que querem amar e ser amados, mas não podem”.<sup>23</sup> Ao dar-se conta de que, em verdade, suas investidas lembram o esforço vão de Sísifo e, por conseguinte, serem assaltadas pela sensação de “vácuo existencial” (Viktor Frankl) ou “vazio interior” (Christopher Lasch), por nunca conseguirem desvenilhar-se da ameaça da derrota, da humilhação e do fracasso, em seu desespero as pessoas narcisistas buscam na “terapia” (Christopher Lasch) um sustento.

Hoje as pessoas não anseiam mais pela salvação, muito menos pelo restabelecimento de uma época dourada, mas sim pela sensação da momentânea ilusão de bem-estar pessoal, de saúde e de amparo psíquico.<sup>24</sup>

Ocorre que se popularizou nas últimas três décadas uma literatura de auto-ajuda, de autobiografias e uma vasta gama de formas de terapia que vem ao encontro do sofrimento e dos tormentos psíquicos das pessoas de estrutura narcisista. As referidas formas de literatura e de terapia, propõe-se exatamente a acolher esse sofrimento de modo a reforçar a auto-estima, “despertando o potencial humano” (Christopher Lasch) adormecido nas pessoas, de maneira a protegê-las do seu desamparo e da sua sensação de “nulidade”, incapacidade, impotência, insignificância. Assim substituem o “outro” que o(a) narcisista precisa para confirmar sua auto-imagem grandiosa, com a vantagem de sempre estarem disponíveis - o que nas relações da vida cotidiana raramente é o caso - desde que se possa pagá-las. Forma-se assim um círculo vicioso de dependência em torno destas ofertas de ajuda, que perpetuam o sofrimento.

Diante deste espírito da época de caráter narcisista também as religiões e, em especial, as igrejas, enquanto formas organizadas de religião, buscam por novas respostas. De acordo com Alexandre B. Fonseca,<sup>25</sup> é possível verificar “um pro-

---

23 LOWEN, *Narcisismo*, p. 142.

24 LASCH, *The Culture of Narcissism*, p. 33.

25 Cf. Alexandre B. FONSECA, Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião.

cesso entre as classes médias de unir fé e psicologia na busca de encontrar respostas para os problemas do dia a dia". E, aparentemente, uma resposta que vem adquirindo aceitação no contexto brasileiro, que poderíamos denominar de *narcisização da fé*, é aquela que se prostra a este espírito da época. Com orações do tipo "Eu sou a cabeça e não sou a cauda. Senhor, estou caminhando para ser cabeça e não cauda" e com exercícios de auto-sugestão do tipo "eu sou líder", essas manifestações religiosas assimilam o narcisismo e o transformam em fundamento da fé. Por conseguinte, a própria religião é infectada pela doença para a qual procura oferecer a solução:

Algumas igrejas (de um amplo espectro de denominações) passam a adotar um modelo religioso baseado em trocas e fundamentado em marcos de uma Nova Era Evangélica: a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva. Igrejas que se tornaram meios, instrumentos, para que desejos sejam alcançados.<sup>26</sup>

## 7 A Libertação do Homo Narcissicus: Conforto e Confronto

Winkler sustenta que a ascensão e difusão da estrutura psicológica narcisista, enquanto "fenômeno coletivo", repercute de forma direta na transformação da *consciência* das pessoas. À sombra do complexo de Édipo, em outras palavras, do conflito com a figura de referência paterna ou materna do sexo oposto, se desenvolve uma consciência predominantemente dominada pelo superego, segundo a teoria freudiana das *instâncias psíquicas*. Melanchthon já fazia uma leitura acurada desse tipo de consciência, quando a designa como uma "consciência aterrorizada" (*erschrockenes Gewissen*).<sup>27</sup> A relação deste tipo de consciência com todas as representações da autoridade e, em especial, com Deus, é caracterizada por *temor e tremor* e, em seu reverso, pela transgressão dos limites (leis), originando sentimentos de culpa que buscam alívio e consolo

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 88.

<sup>27</sup> Cf. p. ex. o artigo 20 da CONFISSÃO DE AUGSBURGO.

na confissão. Este também teria sido o tipo de consciência religiosa encontrada por Freud em sua época e contexto, e que o teria levado a condená-la como incubadora de neuroses.

Como disséramos anteriormente, este tipo de consciência também permanece coexistente em nossos dias e contexto. Sobrepõe-se a esta, entretanto, de forma generalizada, uma outra formação de consciência, caracterizada por Winkler como uma “consciência ferida” (*gekränktes Gewissen*).<sup>28</sup> Esta consciência ferida, constituída sobre uma estrutura narcisista de personalidade, não teria mais como pano de fundo o conflito com leis e mandamentos internalizados e o conseqüente sentimento de culpa em relação às transgressões. Em seu lugar, se estabeleceria uma outra batalha interior, a saber, a luta com o ego-ideal, constituído de forma grandiosa. Decorreria deste conflito uma constituição de consciência, que se sente continuamente ameaçada em sua auto-estima. Em outras palavras, este “tipo” de consciência não reagiria mais de forma acusadora diante da inobservância ou transgressão de leis, mas incomodaria profundamente as pessoas, no momento em que estas fossem incapazes de corresponder àquilo que *imaginam* e esperam de si.

Enquanto a “consciência aterrorizada” se debate com uma imagem de deus castradora, punitiva e severa, a “consciência ferida” cria uma imagem de um deus “amigo” que valoriza a auto-estima abalada, no embate do ego-ideal com a realidade – a qual necessariamente frustra estas expectativas grandiosas. Em ambos os casos, a antropologia sobrepõe-se à teologia, invertendo a lógica da criação, isto é, o ser humano cria deus a sua própria imagem e semelhança. Por melhor intencionada que fosse a pastoral-psicológica (ou poimênica<sup>29</sup>), diante do sofrimento trazido pelas pessoas de personalidade

28 WINKLER, *Seelsorge*, p. 286. É difícil reproduzir com precisão o sentido do termo alemão *gekränkt*. Optamos pela idéia de “ferido”, porém, seria apropriado também pensar em “magoado”, “melindrado” ou “humilhado”.

29 Adotamos aqui as seguintes definições: “Definimos a poimênica como ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para as outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária na Igreja, e definimos o aconselhamento pastoral como uma dimensão da poimênica que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas”. Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento pastoral*, p. 292-93.

narcisicamente estruturadas, anunciar-lhes um deus que sustenta as fantasias de onipotência, seria desvirtuar o sentido do consolo.<sup>30</sup> Sedimentar-se-ia assim tão-somente a estrutura fundamental que desencadeia o sofrimento destas pessoas, ou seja, a dificuldade ou até incapacidade de perceber o outro enquanto outro. Ou seja, perceber em Deus, Deus, e não deus. Por outro lado, anunciar-lhes Deus, como sendo o *totalmente outro*, também não permitiria a ruptura do círculo vicioso, porque somente reabriria a ferida narcísica, o sentimento de impotência e de nulidade. A primeira alternativa estimularia a sustentação da sensação de onipotência (alta auto-estima) diante do mundo, e a segunda variante arremessaria a pessoa numa sensação de fraqueza, incapacidade e depressão diante do mundo (baixa auto-estima).

Assim chegamos à pergunta crucial: sob que condições seria possível a libertação do *Homo Narcissicus*? Outrora já fazíamos alusão a Winkler, que sustenta que a saída do cativo narcisista seria a constituição de uma “consciência relacional”.<sup>31</sup> Sob as condições atuais isto significa passar por um processo de re-aprendizagem social e psicológica. A identidade social, psicológica e religiosa precisa passar por um processo de decomposição para que se torne possível sua recomposição em uma nova consciência, agora *relacional*. Em outro trabalho apontávamos para a conveniência do recurso a jogos e dramatizações<sup>32</sup> no contexto de *pequenos grupos* para facilitar este processo.<sup>33</sup> À medida que o *Homo Narcissicus* re-aprende a relacionar-se com o outro enquanto radicalmente outro, ele também re-aprende a relacionar-se com Deus enquanto de fato Deus, e não tão-somente uma extensão idealizada de si mesmo. Assim a sala de espelhos, na qual o *Homo Narcissicus* transformou o mundo a sua volta, e na qual se tornou um refém confinado, pode ser estilhaçada. A

30 Neste contexto é fundamental a distinção feita por Schneider-Harpprecht entre “Trost” (consolo) e “Vertröstung” (consolo “barato”). Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Trost in der Seelsorge*.

31 Cf. Sidnei V. NOÉ, *Seqüelas vivenciais na biografia*, p. 14.

32 Subentendem-se aqui o psicodrama, o bibliodrama e suas diversas variantes, inclusive as formas populares trazidas por Augusto Boal. (Cf. Augusto BOAL, *Teatro do oprimido*.)

33 Cf. NOÉ, *Einstellungs-Verhaltensänderung in und durch Kleingruppen*.

posterior recomposição dos fragmentos da identidade certamente é um trabalho árduo, porém compensador, pois se sabe ancorada em Deus, que liberta de culpa e temor por um lado, e de feridas (mágoas) e insatisfação, por outro lado. Ou, como apropriadamente formula Ênio Müller: “Diante do espelho de Deus, somos libertos da fixação no espelho que está profundamente arraigada em nós.”<sup>34</sup>

## 8 Narcisismo Benigno e Maligno

Finalmente, destacamos o lado ambivalente do narcisismo. O problema não está no narcisismo em si, mas no modo como as pessoas se relacionam com seu narcisismo. O *mal-estar* da nossa civilização hodierna global é tornar as pessoas reféns de seu narcisismo. Assim ele adquire características de uma patologia, porque a pessoa torna-se escrava de uma ilusão. Winkler<sup>35</sup> recorre ao ilustre psiquiatra de origem húngara Michael Balint para distinguir entre uma *regressão maligna* e uma *regressão benigna*. Segundo essa distinção, uma “regressão maligna” ao estágio narcisista do bebê implicaria numa perpetuação de um comportamento infantilizado, através do qual o indivíduo busca de forma desesperada continuamente a satisfação de seus desejos e reage de forma irascível diante da frustração. É a eterna criança crescida que não conhece limites e que inverte a ordem do desejo: não é ela que tem necessidades, mas as necessidades a possuem. Eis talvez aí a etiologia do distúrbio condensado na pergunta que já nos anos 70 era formulada por Erich Fromm: *To Have or to Be?* (Ter ou Ser?).

Uma forma adequada de lidar com seu narcisismo, ao contrário de negá-lo ou tentar esvaziar-se completamente dele, ou ainda, por outro lado, entregar-se irrestritamente a ele, seria aceitá-lo como recurso terapêutico pontual e situacional. Diante de situações conflituosas do cotidiano a pessoa teria no narcisismo uma fonte, à qual ela retornaria para embeber-

---

34 Ênio R. MÜLLER, *Espelho, espelho meu...*, p. 26.

35 WINKLER, *Werden wie die Kinder?*, p. 89ss.



se daquele “sentimento oceânico”, da “sensação de eternidade”, do sentimento de “unidade com o universo”<sup>36</sup> ou da *unio mystica*, da qual fala Balint.<sup>37</sup> Sob este prisma, o apelo de Jesus de tornar-se como uma criança adquiriria um novo sentido. Seria reencontrar-se novamente consigo mesmo, com o elo perdido. Seria mergulhar naquele *utopos*, onde não há dor nem sofrimento e sim paz, conforto, confiança e entrega absoluta a um poder grandioso e protetor, a respeito do qual tem-se a *certeza* de saber que ele é bom e quer nosso bem.

### Referências Bibliográficas

- [A] CONFISSÃO DE AUGSBURGO 1530-1980 – DAS AUGSBURGER BEKENNTNIS DEUTSCH 1530-1980. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- BEZERRA BARROS, Enaide. *Eu Narciso, outro Édipo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

---

36 FREUD, *O Mal-estar da civilização*. Essas expressões são resultantes da criativa troca de correspondência entre Freud e seus amigos. Um desses “amigos especiais” foi o escritor francês Romain Rolland. Em *O mal-estar da civilização* Freud escreve: “Um desses seres excepcionais refere-se a si mesmo como meu amigo nas cartas que me remete. Enviei-lhe o meu pequeno livro que trata a religião como sendo uma ilusão, e ele me respondeu que concordava inteiramente com esse meu juízo, lamentando, porém, que eu não tivesse apreciado corretamente a verdadeira fonte da religiosidade. Esta, diz ele, consiste num sentimento peculiar, que ele mesmo jamais deixou de ter presente em si, que encontra confirmado por muitos outros e que pode imaginar atuante em milhões de pessoas. Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - ‘oceânico’, por assim dizer. Esse sentimento, acrescenta, configura um fato puramente subjetivo, e não um artigo de fé; não traz consigo qualquer garantia de imortalidade pessoal, mas constitui a fonte da energia religiosa de que se apoderam as diversas Igrejas e sistemas religiosos, é por eles veiculado para canais específicos e, indubitavelmente, também por eles exaurido. Acredita ele que uma pessoa, embora rejeite toda crença e toda ilusão, pode corretamente chamar-se a si mesma de religiosa com fundamento apenas nesse sentimento oceânico.” Assim também a correspondência com Oskar Pfister enriqueceu a visão de religião de Sigmund Freud. Cf. FREUD, *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*. Cf. também Karin Hellen KEPLER WONDRAČEK, *Psicanálise e religião, abismo escancarado ou útil variação?*

37 Cit. apud WINKLER, *Werden wie die Kinder?*, p. 97.

- FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, confissão positiva e o crescimento dos sem-religião, *Numen*, v. 3, n. 2, 2000, p. 63-90.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. In: *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [CD-Rom.]
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [CD-Rom.]
- \_\_\_\_\_. Tipos libidinais. In: *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [CD-Rom.]
- \_\_\_\_\_. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 1998.
- KEPLER WONDRAČEK, Karin Hellen. Psicanálise e religião, abismo escancarado ou útil variação?, *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 2, 1999, p. 186-191.
- KOHUT, Heinz. *The Analysis of the Self: A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders*. New York: International University Press, 1971.
- LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism: American Life in an Age of Diminishing Expectations*. New York: Werner, 1979.
- LOWEN, Alexander. *Narcisismo: negação do verdadeiro "self"*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- MÜLLER, Ênio Ronald. Espelho, espelho meu... reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica, *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, 1997, p. 5-27.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. *Einstellungs -Verhaltensänderung in und durch Kleingruppen*. (Tese de Doutorado.) Bielefeld: Kirchliche Hochschule Bethel, 1997.
- \_\_\_\_\_. Seqüelas vivenciais na biografia, *Estudos Teológicos*, v. 40, n. 3, 2000, p. 5-15.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Trost in der Seelsorge*. Stuttgart: Kohlhammer, 1987.

- \_\_\_\_\_. Aconselhamento pastoral. In: Id. (Org.) *Fundamentos da teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ASTE, 1998, p. 21-35.
- SCHÜLER, Donaldo. *Narciso errante*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WINKLER, Klaus. *Seelsorge*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997.
- \_\_\_\_\_ *Werden wie die Kinder? Christlicher Glaube und Regression*. Mainz: Matthias-Grünewald, 1992.

*Sidnei Vilmar Noé*  
*Escola Superior De Teologia*  
*Cx. Postal 14*  
*São Leopoldo-RS*  
*93001-970*  
*sidnoe@bol.com.br*